



# 30<sup>o</sup> CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO



25 a 29 de novembro 2024

Bibliotecas Fortes:  
Sociedade Democrática Recife, PE



Eixo 5 – O mundo digital: apropriação e desafios

Modalidade: [trabalho completo]

## **Aspectos psicanalíticos acerca da ‘era da pós-verdade’: um estudo exploratório das intenções de uso dos insumos para produzir e disseminar as *fake news* na realidade virtual**

*Psychoanalytic aspects about the ‘post-truth era’: an exploratory study of the intentions of using inputs to produce and disseminate fake news in virtual reality*

**Sérgio Rodrigues de Santana** – Universidade federal da Paraíba (UFPB)

**Annebelle Pena Lima Magalhães Cruz** - Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)

**Lília Mara Menezes** - Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)

**Eliane Epifane Martins** – Instituto Estadual de Educação do Pará (IEEP)

**Anderson Alberto Saldanha Tavares** - Universidade da Amazônia (UNAMA)

**Resumo:** Sujeitos perversos promovem a pós-verdade. Quais são os aspectos psicanalíticos das intenções de uso dos insumos para produzir e disseminar as *fake news* na pós-verdade? Objetivou-se descrever e interpretar os aspectos psicanalíticos, intenções de uso e insumos na produção e disseminação das *fake news* na pós-verdade. Adotaram-se a abordagem qualitativa, o método exploratório do tipo bibliográfico/documental e a psicanálise como teoria. Justifica-se pelo descortinamento mental da pós-verdade através da Psicologia/Psicanálise como faceta epistêmica da Ciência da Informação. A pós-verdade é promovida pelas mentalidades perversas que gozam através das *fake news*, essas que têm os insumos artísticos, informacionais/comunicacionais, didático-instrutivos e científicos.

**Palavras-chave:** Pós-verdade. *Fake news*. Realidade virtual. Informação. Psicanálise.

**Abstract:** Perverse subjects promote post-truth. What are the psychoanalytic aspects of the intentions of using inputs to produce and disseminate fake news in post-truth? It aimed to describe and interpret the psychoanalytic aspects, intended uses and inputs in the production and dissemination of fake news in post-truth. It adopted a qualitative approach, an exploratory bibliographic/documentary method and psychoanalysis as a theory. It is justified by the mental unveiling of post-truth through Psychology/psychoanalytics as an epistemic facet of Information Science. Post-truth is promoted by perverse mentalities that enjoy fake news that has artistic, informational/communicational, didactic/instructive and scientific inputs.

**Keywords:** Post-truth. Fake news. Virtual reality. Information. Psychoanalysis.



## 1 INTRODUÇÃO

Em cada contexto social, cultural e tecnológico sempre haverá sujeitos e grupos sociais e institucionais que promoverão a fofoca, a deturpação, a manipulação, a mentira, omissão (o não dito) e a simulação. Esses ‘fenômenos contraproducentes’ provocam o gozo, esse que se expressa para além do exercício sexual da cópula (Helsing, 1996), pois, ele é uma descarga de satisfação no campo da emoção na relação prazer e desprazer.

No fluxo destes ‘fenômenos contraproducentes’ há os sujeitos receptores que rompem a conexão com a realidade factual a partir deles e, assim, criam outras realidades, muitas vezes fictícias. Isso ocorre, pois a realidade é um macrofenômeno processual que agrega tudo o que existe e, ao mesmo tempo, é um aglomerado de micropartes percebidas e assimiladas pelos sujeitos a partir de suas perspectivas e vivências no mundo, no tempo e espaço compartilhados por eles (Santana; Martins; Silva, 2016).

Os ‘fenômenos contraproducentes’ atravessam a linguagem e comunicação, assim refletindo na produção, acesso e uso da informação no contexto da realidade virtual. E no fluxo das emoções dos gozos, como também dos sentimentos e das afetações que podem ser delimitados no campo da psicose, neurose e perversão, essas que em alguma medida podem ser figuradas como espectrais motrizes dos traços das personalidades.

Nesta pesquisa, a psicose como espectral versa sobre a fuga do sujeito da realidade factual através da destreza, do desinteresse e do rompimento da consciência; a neurose versa sobre o medo excessivo que deixa de ser um mecanismo de defesa e passa a gerir o comportamento dos sujeitos de forma negativa; e a perversão, como ranço, ódio e vingança e a busca a qualquer custo do gozo.

Os espectrais de personalidade são também potencializados na sombra dos algoritmos e dos *bits* na realidade virtual, e cada espectral, à sua medida, promove a ‘era da pós-verdade’, o momento cultural que se compreende como “[...] um adjetivo definido relativo a, ou que denota circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que o apelo à emoção e à crença pessoal” (Oxford Languages, 2016).

Nesse sentido, quais são os aspectos psicanalíticos das intenções de uso dos insumos para produzir e disseminar as *fake news* na pós-verdade? Objetivou-se descrever e interpretar os aspectos psicanalíticos, intenções de uso e insumos na produção e disseminação das *fake news* na pós-verdade através dos espectrais de psicose, neurose e perversão no fluxo da emoção, mas, também, dos afetos e sentimentos. A justificativa desta comunicação está nos ‘descortinamentos mentais’



acerca da 'era da pós-verdade' através da Psicologia como interface epistêmica da Ciência da Informação, como contributo para formação da área (Borko, 1968), assim, executada através da abordagem psicanalítica.

Compreender essas estruturas internas humanas da pós-verdade serve como insumo para que os agentes sociais, especialmente, os bibliotecários, educadores/professores e psicólogos, possam promover a responsabilidade social das boas práticas do acesso e uso da informação, das aprendizagens e dos comportamentos individuais e coletivos nas esferas sociais.

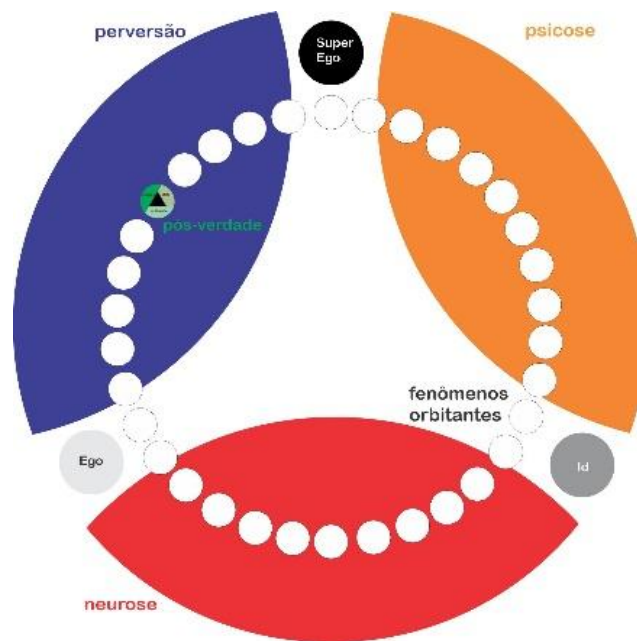
## **2 PSICANÁLISE E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Na atualidade a Web se tornou uma extensão mental, fato que se fez quando ela iniciou seu processo evolutivo para a fase Web 2.0, no final da década de 90, promovendo novas possibilidades de participação ativa dos sujeitos como contribuidores da produção e disseminação da informação (Santana; Santos; Melo; Girard, 2022).

Como extensão mental e/ou realidades virtuais, a Web pode ser visualizada por abordagens psicológicas, e, para Santana, Santos, Melo e Girard (2022), a psicanálise pode analisar as intenções destes sujeitos desta participação ativa como contribuidores na produção e disseminação nestas realidades virtuais, principalmente, quando a “[...] vida mental deve apresentar um interesse peculiar para nós, se estamos certos quando vemos nela um retrato bem conservado de um primitivo estágio de nosso próprio desenvolvimento [...]” (Freud, 1976b, p. 20), e sobretudo quando esse “[...] homem primitivo sobrevive potencialmente em cada indivíduo [...]” (Freud, 1976a, p. 156), em qualquer tempo e espaço, inclusive na atualidade e na Web.

Nesta análise psicanalítica pode-se interseccionar os sentimentos, emoções e as afetações das intenções relacionados com as estruturas neurose, psicose e perversão, e como id, ego e superego. Isso é possível, uma vez que a psicanálise faz o retorno valorativo de si (Figura 1 a) ou seja, do aspecto primitivo que pode emergir das intenções e interesses (in)inconscientes, conscientes e sencientes em validar palavras, discursos e ações violentas.

Figura 1 – Psicanálise e estruturas da personalidade e psicanalíticas



Fonte: Adaptado de Santana, Santos, Melo, Girard (2022).

Descrição: Mostra, em três partes, a neurose através da cor vermelha, a psicose na cor laranja e perversão no tom azul. Entre fendas que dividem as três partes estão as estruturas id, ego e superego.

Ela possibilita, através do retorno de si, como mecanismo para desvendar as intenções e interesses do outro, ou seja, dos contribuidores da produção e disseminação nos ambientes digitais, esse sendo o foco desta pesquisa, desvendar as intenções e interesses dos usuários de informação, como também agentes de promoção do *status quo* da pós-verdade. Deste modo, a psicanálise expurga os valores e intenções das palavras, discursos e ações violentas como as expressões da vida psíquica na Web, o que ocorre às vezes de forma neurótica (Figura 1, fatia vermelha), outras vezes de forma psicótica (Figura 1, fatia laranja), e especialmente de forma pervertida (Figura 1, fatia azul).

E isso pode ocorrer de maneira que estas estruturas se configuram de forma rígida e determinantes no nível patológico, ou seja, em todos os seus aspectos psicanalíticos, ou de maneira mais leve, funcionando como espectrais que compõem a teoria das personalidades em psicanálise, ou seja, que cada sujeito pode carregar ou despertar a partir das excitações externas.

As excitações externas são apenas um lado, a psicanálise como fio teórico-prático pode promover o descortinamento alterando o entendimento de que os sujeitos são interseccionados pelas excitações externas e internas. Nesta lógica, as excitações que vêm de fora provocam as excitações internas e, segundo Chabet (2004), ambas se complementam e constituem os sujeitos a partir das relações como a sensação, percepção e simbolização que promovem os sentimentos, emoções e afetações.



Assim, a afetividade é uma experiência individual, que se origina de fora do sujeito, a partir de um estímulo externo do meio físico e social, a emoção são reações intensas, breves e biológicas e os sentimentos são menos explosivos e não emergem por reações orgânicas das emoções, são imperceptíveis e privados (Santana; Souza, 2019). O entendimento entre a neurose, psicose e perversões na psicanálise iniciou com relações de exclusão, mas, aos poucos, as concepções se complexaram e se aproximaram em alguns aspectos (Polett, 2012).

No distanciamento, a trilogia tem mecanismos de defesa distintos no âmbito da negação, em que o recalque<sup>1</sup> (*Verdrangung*) é característico da neurose; a rejeição, repúdio ou forclusão<sup>2</sup>, da psicose (*Verwerfung*); a denegação<sup>3</sup>, desmentido da perversão (*Verleugnung*); e esses mecanismos de defesa (*Abwehrmechanismen*) “não apenas em reivindicações pulsionais, mas em tudo o que pode suscitar um desenvolvimento de angústia: emoções, situações, exigências do superego, etc.” (Laplanche; Pontalis, 1970, p. 358).

O termo “neurose” apareceu em um tratado de medicina de um médico escocês, no qual a segunda parte da obra era intitulada “Neurose ou doenças nervosas”. Já, no século XIX, Freud preocupou-se em conhecer a neurose como mecanismo psicogênico (origem psíquica), assim, para ele o substrato anatômico detectável estava relacionado à expressão simbólica de um conflito intrapsíquico entre ideias fantasmáticas inconscientes (Polett, 2012). Para Tenório (2003), a neurose é uma tentativa desesperada dos sujeitos de evitar o conflito entre eles e seu meio, e como espectral figura: incapacidade do sujeito de encontrar e manter o equilíbrio adequado entre ele, o mundo e as pessoas (Perls, 1981).

Assim, em suas formas iniciais epistêmicas, a psicose refere-se a todas as patologias que associam a perda da realidade e a criação de uma pseudorrealidade. Dentro dessa lógica, verifica-se um processo que deteriora as funções em graus variáveis, com sério prejuízo do contato com a realidade (Polett, 2012). Zimerman (1999) configura três tipos de psicose: a psicose propriamente dita; o estado psicótico; e a condição psicótica. Vale destacar que o comportamento psicótico se distingue do comportamento psicopático, pois o primeiro versa sobre a ruptura de realidade, e no segundo os sujeitos psicopatas têm consciência da realidade, inclusive das leis, das regras, normas, tempo e espaço.

O que nos interessa neste estudo não é a psicose propriamente dita, que se configura como “[...] um processo deteriorativo das funções do ego, a tal ponto que haja,

---

<sup>1</sup> É um mecanismo de defesa concentrar, reprimir aspirações e desejos e instintos.

<sup>2</sup> É um mecanismo de defesa do sujeito responsável pela rejeição de um significante do simbolismo de uma pessoa.

<sup>3</sup> É um mecanismo de defesa em que o sujeito se recusa a reconhecer como seu um pensamento ou um desejo que foi anteriormente expresso conscientemente.



em graus variáveis, algum sério prejuízo do contato com a realidade. É o caso, por exemplo, das diferentes formas de esquizofrenias crônicas' (Zimmerman, 1999, p. 227). Assim, a psicose nesta pesquisa como espectral se aproxima da perspectiva de McDougall (1989), que propõe questões somáticas as quais nomeou "psicose atual", pois ela não produz alucinações, mas leva o sujeito a se comportar de maneira delirante através de ações somáticas, e não mentais, assim, disparando conflitos de ordem emocional.

Por sua vez, as ideias primeiras básicas epistêmicas da perversão se referem às transgressões com o objetivo da função sexual e do prazer, o qual Freud focou nas reflexões para as parafilias, fetichismo, o exibicionismo, o voyeurismo, sadismo e o masoquismo, esses últimos que, para Freud, além de ocuparem lugar especial, são as mais frequentes e significativas de todas as perversões. A perversão como espectral nesta pesquisa se aproxima da ideia de Graña (1998), que acrescenta alguns pontos convenientes sobre o termo "perversão"; pois este autor acrescenta de ação dos sujeitos o gozo por pequenas ações não sexuais de coito, mas que lhes satisfazem como tal, assim, com posturas "às avessas", o "contrário à justiça" e "inclinado ao mal", quando se "destruir das leis" ou "profanar as coisas ou cerimoniais sagrados" (Graña, 1998; Piano, 2021).

Desse modo, embasar as personalidades movidas por espectral psicótico, neurótico e perversão, no fluxo da relação entre o id (ideal de ego) (Figura 2, esfera preta), ego (Figura 2, esfera branca) e superego (Figura 2, esfera cinza), significa dizer que todos os sujeitos podem, de alguma forma, promover o *status quo* da era da pós-verdade, por vários fatores mentais, o que inclui a escassez de atenção, erosão da confiança, espelho e conexão, em que intersubjetividade e subjetividade entram em conflito. Isso ocorre porque, como propôs Lacan, nós, seres de fragilidade, não temos necessidade da exatidão da verdade, "nós temos necessidade de sentido" (Lacan, 2008, p. 14), logo, o que é conveniente, que nos traz gozos ou alívios e vice-versa, desse modo, gerenciando os conteúdos narcísicos, conteúdos ansiogênicos e conteúdos libidinosos.

Assim, baseado em Freud, Bachelard (1996), Santana e Souza (2019), e Santana; Santos, Melo e Girard (2022) a psicose, neurose e perversão com espectrais; os fluxos das trocas; o fluxo da sensação, percepção, simbolização, emoções, como o gozo, e também os sentimentos e afetações ocorrem na relação entre os acordos e desacordos entre o id (ideal de ego) (Figura 1, esfera preta), ego (Figura 1, esfera branca) e superego (Figura 1, esfera cinza). Esse fato ocorre porque o ego é o princípio da realidade, ele é cativo dos desejos do ideal de ego, esse que é a instância que busca realizar os desejos conscientes e inconscientes e, em especial, dos gozos do ego, mesmo que regras ditadas sejam vetadas pelo superego. Contudo, se o superego frágil pode não operar efetivamente, assim, o ideal de ego realiza o desejo, e perde a noção da realidade no sentido das consequências (Freud, 1891; Atkinson *et al.*, 2002; Santana; Souza, 2019).



### 3 O REAL E AS REALIDADES VIRTUAIS

Mais do que construir e acessar as tecnologias de informação e estar imensa nelas, requer refletir sobre os excedentes negativos, tarefa feita por Santana, Martins e Silva (2016), que visualizaram a natureza destes efeitos. Eles destacam a ‘realidade de mediação social e física’ onde os sujeitos têm o contato físico, emergindo a percepção/sensação que promovem a dimensão simbólica, ou seja, a subjetiva. Nela o sujeito vivencia a experiência imediata com coisas, pessoas, lugares e os fenômenos naturais, químicos, físicos e metafísicos.

A segunda realidade é nomeada pelos autores de ‘realidade de mediação social, digital e virtual’, onde os sujeitos têm o contato físico e metafísico *a priori* pela experiência imediata em relação à máquina, para *a posteriori* terem acesso aos simulacros digitais e virtuais das coisas, pessoas, lugares no fluxo dos *bits*. Essa realidade foi mais contornada no ponto de intersecção entre pandemia e a plataformização, em que a primeira foi brutal e segunda compassiva, que se refere à penetração nos processos econômicos e estruturas governamentais e individuais, em diferentes setores e esferas da vida, nos ecossistemas da Web (Nieborg; Poell, 2020).

Na ‘realidade de mediação social, digital e virtual’, os fenômenos naturais, químicos e físicos ainda são percebidos quando há rupturas biológicas e fisiológicas como fome, sede, adequação ergométrica entre outros fenômenos, mas isso não o desconecta necessariamente o sujeito dos simulacros, ou seja, há consciência e sciência. Weissberg (1993) assegura que cada época tem seus simulacros, neste sentido, a ‘realidade de mediação social, digital e virtual’ é o simulacro que impera no atual contexto temporal-espaial.

A ‘realidade de mediação social, digital e virtual’ é construída pelos contatos subjetivos e simbólicos que emergem da percepção/sensação através dos microsimulacros das coisas, pessoas e dos fenômenos naturais, químicos e físicos caracterizados pela rapidez/velocidade, fugacidade instantânea e mágica do fluxo informacional e comunicacional digital. Assim, potencializada exclusivamente por meio do acesso e uso das TICs, em especial, da magia dos símbolos, ou seja, dos signos, dos sinais e significantes que possibilitam as trocas comunicacionais e informacionais (Azevedo Netto, 2016; Santana, Martins, Silva, 2016; Serra, 1998). A ‘realidade de mediação social, digital e virtual’ é o *habitat* das personalidades perversas, pois elas têm consciência e sciência da cadeia de acontecimentos, de seus atos e efeitos sobre os outros e sobre elas mesmas.

Os autores também destacam a ‘realidade psicótica digital’<sup>4</sup>, que se compreende a realidade pela percepção/sensação e que promovem a dimensão simbólico com as

---

<sup>4</sup> O comportamento psicótico se difere do comportamento psicopático.



personagens, entidades, sujeitos imaginários e fictícios cunhados e situados no mundo e na estrutura cognitiva do sujeito, assim, não há consciência. Contudo, é óbvio que nenhum sujeito que rompe com consciência e senciência se torna psicótico efetivamente pelo uso inadequado das TICs e das trocas comunicacionais e informacionais. A ‘realidade psicótica digital’ foi pensada pelos autores para se referir ao nível de fuga da realidade, ou seja, da ‘realidade de mediação social e física’ (Santana; Martins; Silva 2016).

Como discutido, as realidades citadas têm base psicológica/simbólica, em que na primeira e na segunda categorias predomina a base social, e na terceira predomina a base psicológica, ainda que essa seja criada a partir da base social. Contudo, a primeira se caracteriza como o parâmetro adequado dentro do existir humano, pois agrega fenômenos como: a) percepção/sensação, significação adequadas da realidade; b) capacidade de exercer controle voluntário sobre o comportamento; c) autoestima e aceitação; d) capacidade de formar relacionamentos afetivos; e, por último, e) a produtividade (Atkinson, 2002, p. 548). Por sua vez, a fuga dos sujeitos da realidade de mediação social e física, e da realidade de mediação social, digital e virtual para a realidade psicótica digital, pode comprometer a noção de adequação conduzida por Atkinson (2002).

A fuga para a ‘realidade de mediação social, digital e virtual’, a qual Serra (1998) denomina de desrealização prévia do mundo existente, em certo nível pode ser aceitável, uma vez que desconectar-se desta realidade do contexto temporal e espacial é um movimento que carrega valor cultural e ideológico. A fuga pode acontecer por diversos fatores estressores biológicos, fisiológicos e endócrinos, mas também político-social, isso quando se visualiza um contexto pandêmico. Contudo, no que se refere à ‘realidade de mediação social, digital e virtual’ para a realidade ‘psicótica digital’, a fuga pode acontecer por meio de um conteúdo ansiógeno, no qual o sujeito busca o prazer nos simulacros digitais (Santana; Martins; Silva 2016).

#### **4 A NARRATIVA EPISTÊMICA DA PÓS-VERDADE**

A palavra “pós-verdade” emergiu como neologismo, sendo usada pela primeira vez em 1992 pelo dramaturgo sérvio-americano Steve Tesich. De tal modo, há cerca de uma década, o termo pós-verdade tem sido empregado com relevante expressão, deste modo, chamando a atenção da intelectualidade inglesa, que configurou o neologismo no ano de 2016 como palavra do ano, assim, definido o verbete como um substantivo “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”. (Fábio, 2016; Dunker, 2017).





Assim, discutir sobre a pós-verdade significa elencar as características estabelecendo seus limites e seus metafenômenos por duas perspectivas, na lógica do que são fatos objetivos e fatos subjetivos. Trazer essa perspectiva dicotômica é didático, como o problema de dois corpos da mecânica clássica, assim, sendo uma estratégia conveniente para explicar esse fenômeno, mas para inferir que a pós-verdade tem aliadas as conexões mentais equivocadas em que a consciência e senciência são diluídas, e incapazes de operarem na relação: ego, ideal de ego e superego.

Isso ocorre, especialmente, quando se visualiza as excitações como a informação, que faz parte da dimensão externa aos sujeitos, pois, para a pós-verdade, no âmbito da informação, ela possui três grandes configurações que sustentam a subversão do conceito de verdade: configuração histórico-ideológica; configuração filosófica e configuração técnica. Cada configuração possui seus traços específicos, havendo uma interdependência entre as três configurações: a configuração histórico-ideológica, a configuração filosófica e a configuração técnica (Silva, 2018).

A dimensão histórico-ideológica retrata o viés mental da pós-verdade 'lincando' as excitações externas que configuram a informação situada no fluxo do processo histórico e ideológico, e, quando esse é subvertido por técnicas midiáticas e mediáticas para satisfação de crenças e desejos interpessoais, isso descaracteriza a veracidade da informação. Isso significar dizer que as excitações externas no fluxo das emoções, sentimentos e afetações tem valor contextual que opera por essas técnicas midiáticas e mediáticas na dimensão filosófica que abarca o caráter mais relacional da pós-verdade no âmbito da informação das excitações internas. Deste modo que quando a ética e os valores se chocam há um problema de dois corpos, se é informação ou desinformação, se o conteúdo se trata de alguém querido é fato, mesmo não sendo; se o conteúdo diz acerca de alguém não querido o factóide se torna fato (Silva, 2018).

Assim, a informação e desinformação têm um conteúdo pessoal e passional, têm um grau de emoção paixão e ódio, tanto de sentimentos como o acolhimento e desprezo, como das afetações, como carinho e aversão. A configuração técnica reúne o aparato aplicativo das outras duas dimensões, assim, os dois corpos são envolvidos pelas subversões da velocidade informacional, fidedignidade da fonte e ausência do teor crítico (Silva, 2018). Ela versa sobre o resultado da intersecção das extinções internas e externas como produtos, que podem vir sob diversas formas, desde as mais simples, como quadros, tabelas, gráficos e imagens, documentos, guias, cartilhas, manuais, tutoriais, artigos, disseminados pelas redes sociais, *sites*/blogs, aplicativos e *e-mail*.

A pós-verdade é um problema humano relacionado *a priori* às mentalidades no âmbito das emoções, mas também dos sentimentos e afetações. É um fenômeno cultural, é uma construção de todos, pois agrega as práticas/ações, hábitos, situações e falas (Araújo, 2020) proferidas, disseminadas e deliberadas de forma consciente e/ou não, assim, não há inocentes, somos todos agentes de uma forma ou outra. A pós-



verdade é um lugar de treva, mas não pela falta de informação, a treva está do lado de dentro dos sujeitos, que são incapazes de se conduzir sozinhos no conhecimento potencializado pela negação, denegação e forclusão.

## 5 METODOLOGIA

É uma pesquisa qualitativa, pois ela focou pontos subjetivos do '[...] universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...]' (Minayo, 2001, p. 6-7), que nesta pesquisa o *locus* de pesquisa investigada que versa na Web. A abordagem qualitativa possibilita fazer 'Descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações condutas, observadas e suas manifestações' (Sampieri; Collado; Lucio, 2013, p. 34), que nesta pesquisa focou os produtos da pós-verdade como manifestações.

O método exploratório tem a finalidade de conceber uma intimidade mais efetiva e novos conhecimentos e explicações que interseccionam estruturas internas humanas psicanalíticas, pós-verdade e produtos. Portanto, os estudos exploratórios são realizados com o objetivo de examinar uma temática pouco explorada ou nunca explorada (Gil, 2019). Eles servem como oportunidade de investigação científica de fenômenos relativamente desconhecidos (Frainer, 2020), pois: as pesquisas exploratórias têm '[...] finalidade desenvolver [...] conceitos e ideias, a considerar a formulação de [...] hipóteses que poderão ser testadas em estudos posteriores' (Frainer, 2020). Do mesmo modo, elas podem se apresentar, muitas vezes, como uma primeira etapa para investigações mais abrangentes.

A pesquisa exploratória pode ser feita por meio da: observação, em laboratório ou em campo natural; etnografia, em que o pesquisador efetua um longo acompanhamento da vida cotidiana do grupo étnico-racial; por entrevistas, de forma individual e coletiva, com roteiro pré-estabelecido; e levantamento bibliográfico e documental.

As duas últimas foram interseccionadas e adotadas nesta pesquisa, em que o levantamento bibliográfico foi baseado em bases dos estudos teóricos da pós-verdade quanto aos fenômenos/produtos da 'era da pós-verdade', e os estudos psicanalíticos quantos às estruturais mentais, pensamentos, intenções e comportamentos que promovem os fenômenos/produtos da 'era da pós-verdade'. Quanto à base documental, se debruçou sobre fontes de informação digitais no âmbito da realidade virtual para confronto, a partir de exemplos de fenômenos/produtos que compõem a 'era da pós-verdade' apontados nas bases teóricas.

Para Malhotra (2006) o método exploratório é flexível, assim permitiu estabelecer quatro passos protocolares: primeiro se fez **a localização de lacunas** - que nesta pesquisa focou a tríade psicanálise, *fake news* e pós-verdade; logo em seguida efetuou a **discrissão das lacunas** - assim na acuidade delas serem averiguadas através de



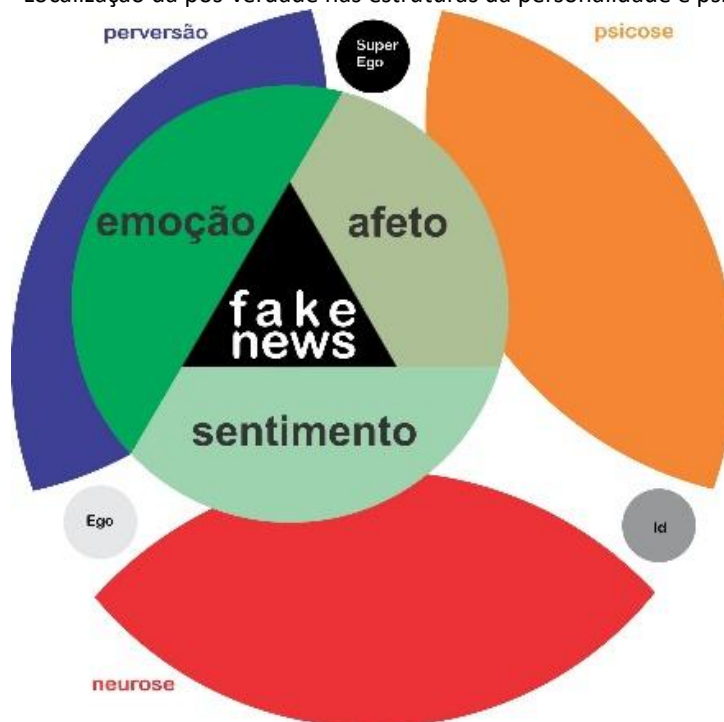
suas características, forças e as origens. Seguiu-se com a **formulação de novas hipóteses** (Gil, 2019) - que a pós-verdade é promovida pelas mentalidades perversas através de insumos artísticos, informacionais/comunicacionais, didático-instrutivos e científicos; a **reflexão e reavaliação** - referente a condução epistêmico-técnica e sua eficácia, profundidade, e se os resultados obtidos para aplicabilidade de estudos futuros.

## 6 RESULTADO DA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A pós-verdade é um problema mental humano com incidência na emoção e perversão, como mostra a Figura 2 ao representar as *fake news*.

Isso significa dizer que, na atualidade, há fluxos vertiginosos de informação, assim, passando a produzir baixa aptidão dos sujeitos em avaliar algo com sensatez e clareza, ou seja, o sujeito é dirigido ao erro de discernimento. De tal modo, infere-se que a avaliação seja dirigida para outros como forma de aliviar essa tensão, uma vez que ela não promove emoção, especialmente, o gozo, por isso, o gozo é o objetivo mais desejado, embora também ela se constitua em menor grau de sentimentos e afetações, assim, é uma tentativa de minimizar o desprazer de tal tarefa.

Figura 2 – Localização da pós-verdade nas estruturas da personalidade e psicanalíticas



Fonte: Adaptado de Santana, Santos, Melo e Girard (2022).

Descrição: Mostra o fenômeno *fake news* representada por tons verdes localizado com mais ênfase na perversão, representada no tom azul, e apenas tocando a neurose através da cor vermelha e a psicose na cor laranja.



O destaque para os fluxos vertiginosos de informação ocorre porque a pós-verdade se fortalece através das mídias digitais, uma vez que os veículos tradicionais de informação não detêm mais a posse do produto verdade, especialmente, no âmbito das redes sociais e formadores de opinião, fragmentando, assim, o controle sobre a circulação da informação, em especial, da notícia, gerando, dessa forma, mais debates e maior capacidade de produzir e difundir novas versões sobre os acontecimentos. Além disso, o acesso às redes sociais potencializa a permeância dos sujeitos na realidade psicótica digital, e, segundo Siebert e Pereira (2020), pode aumentar sintomas ansiosos, seja pela exposição de notícias negativas ou pela amplificação de preocupações para a espectral neurótico. Outra característica da pós-verdade é a formação de filtros bolha, em que os sujeitos são fixados, sobretudo, às suas próprias crenças, e pontos de vista divergentes são filtrados pelos algoritmos para cercar o sujeito na realidade de ‘mediação social, digital e virtual’ e na realidade ‘psicótica digital’, assim, promovendo ainda mais a ‘economia da atenção’.

A *fake news* é a expressão mais marcante da pós-verdade (triângulo preto na Figura 2), é a ação mais efetiva que ocorre em duas vias: ela é usada para favorecer alguém, esse através da paixão, como para desfavorecer através do ódio, o que denota que ambas são resultantes das subjetividades pervertidas, e que esse sujeito goza nas duas polaridades, como demonstra a Figura 2. A perversão promove um fluxo contínuo que busca o prazer (gozo) na ação, ou seja, por meio das *fake news*, mas no curso através dos comportamentos, como também no nível das fantasias através do poder frente a este outro que acaba sendo seu objeto de prazer, sendo ‘este outro’ o afeto e desafeto. Na perversão o desejo nasce como vontade de gozo, esse ato é vivenciado como triunfo livre de culpa. Como o sujeito perverso sabe exatamente o que almeja, esse fato é a base da sua presunção, uma vez ele que ele está convencido de saber a verdade sobre o gozo. Deste jeito, ele não está a serviço das apreensões, inibições, recriminações, autoacusações e frustrações que angustiam o sujeito neurótico. O perverso ainda vê as angústias do neurótico com desprezo, pois ele não sabe gozar (Coutinho *et al.* 2004), eles, os perversos, gozam com os afetos e desafetos e com as angústias do sujeito neurótico.

Assim, a pós-verdade é especialmente promovida pelas mentalidades perversas ressentidas entre o amor e ódio, com cumplicidade do gozo, que o pervertido efetiva através das *fake news*, que se configuram como a sua expressão mais marcante, e que têm, sobretudo, insumos como a *fanfic*, sátira, *memes*, teorias conspiratórias, revisionismo histórico, negacionismo científico, ciência e informação, como mostra o Quadro 1.

**Quadro 1** – Insumos artísticos, informacionais, comunicacionais, didático-instrutivos

<b>Fanfic</b>	É abreviação para o termo em inglês “fanfiction”, que significa ficção criadas por de fãs (Menezes, 2020).
<b>Sátira</b>	Refere-se ao uso de conteúdos fictícios de paródia com intenção de que as pessoas tomem a informação como correta. (Araújo, 2020)



<b>Memes</b>	OS <i>memes</i> não são nem verdadeiros nem falsos, mas produzem impressões negativas ou incorretas. (Araújo, 2020).	<b>Fake news</b>
<b>Teorias conspiratórias</b>	São utilizadas pois são narrativas simples, e explicam realidades complexas como resposta ao medo e à incerteza. (Araújo, 2020)	
<b>Revisonismo histórico</b>	Se configura como uma reinterpretação da história com base nos possíveis equívocos descritos dos fatos históricos. (Bonsanto, 2021)	
<b>Negacionismo científico</b>	As <i>fakes news</i> normalmente objetivam causar alarde na população sobre remédios, vacinas e/ou epidemias que, supostamente, colocam a população em risco. (Observatório <i>fake news</i> , 2024)	
<b>Ciência</b>	Ao relacionar a ciência e tecnologia com milagres. (Paula, 2020)	
<b>Informação</b>	É um elemento que promove transformações nas estruturas mentais dos sujeitos nas dimensões subjetiva e objetiva. (Brookes, 1980).	

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Descrição: O quadro resume os conceitos dos produtos que se tornam as bases para as *fake news*.

A pós-verdade e as *fake news* são estruturadas por grades cargas de emoções, sentimentos e afetações, por isso, elas são confundidas como se fossem o mesmo fenômeno, mas a pós-verdade é o resultado de mentes neuróticas, psicóticas e perversas, enquanto a *fake news* é o resultado de mentes pervertidas que produzem as *fake news* de qualquer insumo, para além da política partidária, como, por exemplo, os insumos artísticos, informacionais, comunicacionais, didáticos/instrutivos e até mesmo científicos das mentes de espectros neuróticos e psicóticas em fenômenos de destruição das mentes humanas.

Assim, na pós-verdade as *fake news* são produzidas de forma perversa por duas lógicas, de favorecer e desfavorecer o objeto de gozo, que pode ser pessoas, eventos e/ou outros fenômenos. Essa produção de *fake news* parte de expressões artísticas mais simples, por exemplo, o uso da *fanfic*, e também de questões mais complexas como a ciência e a informação, como evidencia o Quadro 1. *Fanfic* é um termo que deriva do inglês “*fan fiction*”, ou “ficção de fã”, assim, uma narrativa ficcional livre de criação de conteúdo escrita e divulgada por fãs, que se popularizou nos anos 60 e 70, e no contexto da Web essa cultura ganhou forças para todos os estilos de arte e, especialmente, gráficas (Menezes; Araújo; Araújo, 2018). Como as trilhas sonoras de telenovelas que nunca existiram, elas foram produzidas por fãs do estilo de música de formato digital musical e também de telenovelas, transformadas em produtos comerciais no Mercado Livre e *Shopee*, vendidas como se elas fossem de fato trilhas oficiais das referidas novelas. Há também narrativas, como histórias e contos breves e até mesmo nas redes sociais, como ocorreu com uma fã da atriz da atriz Vanessa Giácomo, em que *fanfic narrava* tinha trabalhado em um quiosque no Rio de Janeiro antes da fama (Locomanero, 2016; Entretenimento, 2022).

A história narrada por um perfil na X teve mais de 35 mil curtidas, assim, chamou a atenção da atriz, que prontamente desmentiu a *fanfic*, pois ela poderia tomar proporções negativas através das mentes perversas, visto que é uma figura pública, e poderia ser um objeto de gozo. Neste sentido, a *fanfic* é uma criação das personalidades de spectral psicótico, em que há uma imersão do sujeito em uma realidade criada pelo próprio a partir de sua criatividade e fantasias. A *fanfic* é um mecanismo pedagógico que



potencializa a criatividade, especialmente, de crianças e adolescentes no contexto escolar (Menezes, 2020).

A sátira é uma composição usada para ridicularizar ou ironizar instituições, sujeitos e costumes, com o objetivo induzir ao riso e, geralmente, este estilo literário se aproxima da comédia. Contudo, no contexto da Web, os vídeos são realidades, como, por exemplo, o vídeo da humorista Carol Zoccoli, com o personagem “patriota, vestindo as cores da bandeira nacional”, que viralizou na época das pré-eleições; no perfil *TikTok* da humorista, o vídeo atingiu 5,6 milhões de visualizações. No vídeo Zoccoli performava ‘afirmando’ que Jair Bolsonaro iria governar o Brasil no corpo de Luiz Inácio Lula da Silva em 2023, e que os OVNIs iriam fazer a troca dos corpos. A sátira causou confusão entre as pessoas, entre quem duvidava e quem acredita que a humorista estivesse falando sério, especialmente, os bolsonaristas (Ndmais, 2022). Neste episódio, os espectrais neuróticos e psicóticos afloraram nestes sujeitos que de fato acreditavam, na relação entre o fictício e o real, entre o medo e a fantasia, mas temiam pelas duas probabilidades, sem se dar conta da fantasia dos OVNIs, pois a verdade entre o prazer e desprazer estava refletida na possibilidade de Bolsonaro perder as eleições.

A *fanfic* e a sátira não são criadas com intenção de confundir, embora a sátira tenha objeto de promover um gozo, mas os conteúdos dessas expressões artísticas não correspondem à realidade, porém, a intenção versa sobre a espectral da perversão de reconfiguração de objetivo, o que corre por *sites* (é o caso de *sites* como o Sensacionalista), e por sujeitos.

Quanto aos *memes*, que se situam no limiar do que verdadeiro e falso, eles podem produzir impressões negativas ou incorretas, como ocorreu com as cédulas de 20 e 50 reais com as imagens de Pablo Vittar e Anitta (Cruz, 2018). Embora haja discussões em defesa dos *memes* como objeto comunicacional, informacional e didático e até mesmo político, sua produção versa sobre o gozo, não o gozo do pervertido, mas o gozo do outro, do neurótico e algumas vezes do psicótico, assim, diferente, pois o gozo não é individual e sim coletivo. Quando não produz gozo no psicótico, pela falta de construtos simbólicos, pela baixa aptidão dos sujeitos em avaliar, algo com sensatez e clareza, produzindo indignação e ódio, especialmente, quando tem base muito latente as fobias e preconceitos que potencializam a aptidão de analisar.

Ao destacar o revisionismo histórico, o negacionismo científico, a ciência e a informação, na era a pós-verdade há a morte da *episteme*, pois fica cada vez mais difícil responder as perguntas: o que é saber, como saber e quando saber. A morte da *episteme* ocorre através de um misto de frustração, incapacidade e perversão, por sujeitos frutados e ressentidos que não têm o contexto científico e as articulações como mecanicismos de seus gozos no sentido de produtividade; assim o sinal inverte, se não há gozo como os cientistas, há gozos na produção de energia contra os cientistas e tudo o que orbita em torno deles. Essa lógica se aplica a professores, educadores, intelectuais



e artistas que trabalham para equalizar o mundo das injustiças e até mesmo minimizá-las e estagná-las. Do mesmo modo, os ataques à ciência são uma forma de assassinato da *episteme*, de maneira lenta, mas eficaz, porque são um mantra que se enraíza nas mentalidades.

Ao destacar a informação no contexto da pós-verdade, ela é usada para promover a morte da *episteme*. Esse fato ocorre porque a informação é um fenômeno imprevisto, assim, ela depende de seu contexto histórico e cultural particular, por sua legitimidade e significado (Thellefsen; Thellefsen; Sørensen, 2013). Neste sentido, ele é usado em sua forma mais pura, em que há legitimidade e significado adequados que passam a marcar as bases de ilegitimidade e os novos significados perversos. Isso significa dizer que as mentes perversas utilizam trechos verdadeiros e os agregam aos trechos não verídicos, assim, confundindo os usuários que acreditam, e os trechos não verídicos passam a ser verdadeiros, mesmo sendo factoides.

No contexto da pós-verdade, até mesmo a 'informação' e 'ciência' são objeto de perversão. No caso da Ciência, tanto as pessoas, cientistas e o fazer prático científico servem como bases de credibilidade para a mentira, para coisas extraordinárias, como na série de *fake news* em que Drauzio Varella tenha recomendado um milagroso produto para a pele. A *fake news* 'CAIU NA MÍDIA E CHOCOU A TODOS!! Revelado segredo para uma pele impecável.', que se referia a um produto inovador que elimina as marcas, flacidez e manchas 100% natural, em que os usuários dele teriam melhorado com o suposto tratamento indicado pelo médico (Lucena 2024; Menezes, 2024).

O sinal inverso envolvendo a ciência versa sobre o negacionismo científico, em que o Drauzio Varella é também uma voz de credibilidade, com *fakes news* que normalmente objetivam causar alarde na população sobre remédios, vacinas e/ou epidemias que, supostamente, colocam a população em risco. A teoria da conspiração é um fenômeno que versa sobre a ideia de que há sujeitos, como também organizações que tramam para causar ou acobertar algo, assim, com envolvimento por meio de planejamento e estratégias secretas. Elas têm ganhado maior alcance na atualidade com as facilidades de comunicação e, por causa disso, têm aumentado seus efeitos na sociedade, produzindo medo e a incerteza (Araújo, 2020), em que as mentalidades de espectral neurótico têm mais tendência de assimilar e se acomodar à materialidade linguística e estética das *fake news*, como também de repassá-las, pois o medo se estende aos amados familiares, amigos, entre outros, como correu na pandemia, em que as narrativas de cunho conspiratório foram disseminadas afirmando que o coronavírus foi criado em laboratório por chineses (Revista Arco Jornalismo Científico e Cultural, 2020).

Como no caso da empresa Brasil Paralelo, agência que vem se destacando com um reconhecido protagonismo na construção de narrativas deliberadamente revisionistas sobre a história recente brasileira, no intuito de (des)legitimar



determinadas “verdades” em confronto com discursos jornalísticos, históricos e, especialmente, científicos (Bonsanto, 2021), como também recentes. No ano de 2018, o grupo Brasil Paralelo publicou um vídeo no *YouTube* com a narrativa de um engenheiro chamado de Hugo Cesar Hoeschl, que afirma que estudos internacionais indicam que a probabilidade de fraude na última eleição presidencial foi de 73,14%. Essa informação foi considerada falsa pelo Comprova. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) emitiu uma nota desmentido o que foi informado no vídeo, afirmando que não havia prova de que o autor do vídeo tenha participado de qualquer evento de auditoria e transparência, a exemplo dos testes públicos de segurança realizados pelo TSE e da apresentação dos códigos-fonte (Estadão, 2019).

## **7 CONSIDERAÇÕES**

A reflexão e reavaliação efetivada nesta pesquisa como protocolo aponta que o objetivo da pesquisa foi alcançado. Por se tratar de um estudo exploratório, logo, as inferências são preliminares, assim requer a necessidade de aprofundamento dos resultados por meio de pesquisas futuras que utilizem métodos que promovam mais profundidade dos construtos apontados.

Esta pesquisa apresenta algumas evidências ligadas ao campo da psicanálise em interlocução com a Ciência da Informação, para o debate sobre a pós-verdade, que precisam ser posteriormente aprofundadas por outros pesquisadores. Esse debate entre Psicanálise e Ciência da Informação e sua contribuição para o profissional da informação (bibliotecário, arquivista e museólogo) pode ajudar a promover uma educação senciante da informação, que versa sobre a cadeia de acontecimentos e seus ‘efeitos mentais e sociais’ que se relacionam diretamente à capacidade crítica e reflexiva em torno dos fluxos de dados e de informação. Pois, uma das diferenças entre informação e desinformação é que a segunda, especialmente as *fake news* podem chegar até o usuário sem uma busca, e por sujeitos, canais e/ou fontes aleatórios.

Infere-se que a pós-verdade é um problema mental de todos, pois todos estão imersos na cultura digital e consumindo produtos de forma consciente e inconsciente, são eles: a *fanfic*, a sátira, os *memes*, as teorias conspiratórias, o revisionismo histórico, o negacionismo científico, ciência e informação. Os sujeitos perversos são conscientes, e são geralmente os produtores que distorcem os valores originais dos produtos, e com ajuda de sujeitos sem consciência das intenções destes produtos distorcidos, que são os sujeitos de espectral neurótico e psicótico. Isso ocorre porque esses fenômenos são exponenciais e vertiginosos, que afetam as percepções e sensações, o que reflete e altera as questões simbólicas.

A pós-verdade é especialmente promovida pelas mentalidades perversas ressentidas entre o amor e ódio, com cumplicidade do gozo, que o pervertido efetiva através das *fake news* que se configura como a sua expressão mais marcante, e que tem,





sobretudo, insumos como a *fanfic*, sátira, *memes*, teorias conspiratórias, revisionismo histórico, negacionismo científico, ciência e informação. A efetivação das *fake news* ocorre por duas vias, ela é usada para favorecer alguém através da paixão e do gozo, pode até ser por dinheiro, como para desfavorecer através do ódio que também provoca o gozo, assim, a emoção sempre será o campo de potencialização.

A participação das mentalidades perversas, como das instituições e grupos tem o gozo com base nas intenções capitalistas que prosperam porque eles se aproveitam da emoção. Os seus fluxos exponenciais e vertiginosos potencializam os erros de discernimento dos sujeitos, especialmente aquelas personalidades de espectro psicótico e neurótico, no primeiro caso ocorre através da emoção de pertença de territorialidade, e a segunda por medo e incerteza. As mentes perversas da era da pós-verdade promovem a morte da *episteme*, pois a legitimidade que garante a produção da informação, do conhecimento e saberes de forma sadia com aplicabilidade para equalização do mundo, vem sendo esfarelada.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, C. A. A. A pós-verdade como desafio central para a ciência da informação contemporânea. **Em Questão**, Porto Alegre, 2020.

Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/150131>. Acesso em: 17 maio 2024.

ARAUJO, C. A. A. O fenômeno da pós-verdade e suas implicações para a agenda de pesquisa na ciência da informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 25, n., 2020. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/#/v/139702>. Acesso em: 17 maio 2024.

ATKINSON, L. R. *et al.* **Introdução à psicologia de Hilgard**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

AZEVEDO NETTO, C. X. SIGNO, SINAL, INFORMAÇÃO: as relações de construção e transferência de significados. *In: Ies Ufpb*. Disponível em:

<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/viewFile/143/137>. Acesso em: 17 maio 2024.

BONSANTO, A. Narrativas “historiográfico-midiáticas” na era da pós-verdade: um olhar sobre o revisionismo histórico para além das fake news. **Liinc em revista**, v. 17, n., 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5631>. Acesso em: 22 mar. 2024.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p.3-5, jan. 1968. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2532327/mod\\_resource/content/1/Oque%C3%A9Ci.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2532327/mod_resource/content/1/Oque%C3%A9Ci.pdf). Acesso em: 22 mar. 2024.



BROOKES, B. C. The foundation of Information Science. **Journal of Information Science**, [S.l.], v.2, n.1, p.125-133, 1980.

CATEGORIAS DE PUBLICAÇÕES FAKE, **Observatório Fake News**, Belo Horizonte. Disponível em: <https://observatoriofakenews.eci.ufmg.br/categoria/>. Acesso em: 22 mar. 2024.

CHABET, C. **Psicanálise e métodos projetivos**. São Paulo: Vetor, 2004.

COUTINHO, A. H. A.; SALLES, A. C. T. C.; SILVA, B. R.; DELFINO, E. M.; SILVA, E. M.; MORAES, G.; MORAIS, M. B. L.; DRUMMOND, S. B. Perversão: uma clínica possível. **Reverso**, Belo Horizonte, v.26 n.51, dez. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v26n51/v26n51a03.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.

CUNHA, M. B. **Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2001. 168 p.

CRUZ, F. B. Pablo Vittar vai estampar nova nota de R\$ 50. Gente! Isso é verdade? **Blogosfera**, 21 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://caraoucoroa.blogosfera.uol.com.br/2018/02/21/pablo-vittar-vai-estampar-nova-nota-de-r-50-gente-isso-e-verdade/?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 13 jan. 2024.

DUNKER, C. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, C. *et al.* **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

FRAINER, J. **Metodologia científica**. Indaial: Uniasselvi, 2020.

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. v. 18, p. 89-179.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. v. 22, p. 15-220.

FREUD, S. **Zur auffassung der aphasien: eine kritische studie**. Leipzig: Franz Deuticke, 1891.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRAÑA, R. B. Além do desvio sexual: analisando a assim chamada perversão. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.32, p.1, p. 83-101, 1998.



HELSINGER, L. A. **O tempo do gozo e a gozação**. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

LACAN, J. **O seminário. Livro 17**. O avesso da psicanálise Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-70).

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. 2.ed. Santos: Martins Fontes, 1970.

LUCENA, L. É falso que Drauzio Varella tenha recomendado produto para pele. **Uol**, 23 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2024/01/23/drauzio-varella-nao-recomendou-remedio-para-pele-ele-nao-indica-tratamento.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 13 jan. 2024.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MENEZES, L. F. Vídeo editado de Drauzio Varella desinforma ao afirmar que vacina contra dengue causa câncer. **Aos Fatos**, 2 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/falso-drauzio-varella-vacina-dengue-cancer/>. Acesso em: 13 jan. 2024.

MENEZES, L.M. **A fanfic como mediação de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa**, 2020. Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado Profissional em Letras) – CAMPUS Avançado Walter De Sá Leitão, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Assu, 2020.

Disponível em:

[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=10893021](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10893021)

. Acesso em: 13 jan. 2024.

MENEZES, S. S.; ARAUJO, R. F.; ARAUJO, R. F. Fanfiction de ficção científica: divulgação e incentivo à leitura sobre ciência. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v., n. esp, 2018. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br//download/106502>. Acesso em: 22 mar. 2024.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec/ABRASCO, 1992.

NIEBORG, D.; POELL, T. **Platformization**. Revista Fronteiras - estudos midiáticos, Porto Alegre, v. 22 n. 1, jan./abr. 2020. Disponível em:

<https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01> .

Acesso em: 13 jan. 2024.

O que está por trás da ‘mudança de corpo’ de Lula e Bolsonaro que viralizou na web, **Ndmais**. Florianópolis, 17 de novembro de 2022. Disponível em:

<https://ndmais.com.br/internet/o-que-esta-por-tras-da-mudanca-de-corpo-de-lula-e-bolsonaro-que-viralizou-na-web/> . Acesso em: 13 jan. 2024.



OXFORD LANGUAGES. **Palavra do ano 2016**. [S. l.]: Oxford University Press, [2016]. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em: 13 fev. 2021.

PAULA, L. T. Observatório Fake News: fontes e recursos informacionais na cena da pós-verdade. **PublicAAHD**. Buenos Aires, v. 1, 2020. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br//download/229398>. Acesso em: 13 jan. 2024.

PERLS, F.S. **Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

PIANO, A. C. **ELEMENTOS PARA PENSAR O CONCEITO DE PERVERSÃO EM FREUD**, 2021. Monografia (Curso de Especialização em Psicologia Clínica) – Universidade São Paulo; Coordenação Geral de Especialização, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/31347/1/Andre%20Campo%20Piano%20-%20Monografia.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2024.

POLETT, M. NEUROSE E PSICOSE: semelhanças e diferenças sob a perspectiva freudiana. **Psicanálise & Barroco em revista**, Juiz de Fora.v.10, n.2 : 01-13, dez. 2012 Disponível em: <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/8702>. Acesso em: 5 abr. 2024.

Publicações que acusam cientistas de criarem o novo vírus são falsas. **Revista Arco Jornalismo Científico e Cultural**, Santa Maria, 23 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/mitometro-coronavirus-foi-criado-em-laboratorio-por-chineses>. Acesso em: 22 mar. 2024.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Estação das Letras e Cores, 2020.

SANTANA, S. R.; SOUZA, E. D. A formação do espírito científico na ciência da informação: contribuições da psicanálise do conhecimento e da responsabilidade social. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2019, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/676> Acesso em: 11 jan. 2024.

SANTANA, S. R.; MARTINS, E. E.; SILVA, L. F. Mediação social e cultura da informação: acesso e uso das TIC e da informação nos processos de fragmentação da subjetividade. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA IBERO-AMÉRICA E CARIBE, 9, 2016, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte; UFMG, 2016. Disponível em: <http://edific2016.eci.ufmg.br/anais/#modal>. Acesso em: 13 jan. 2024.

SANTANA, S. R.; SANTOS, R. F.; MELO, M. L. D.; GIRARD, C. D. T. Folksonomia no contexto LGBTQIA+: descortinando o preconceito e a discriminação da informação gênero-sexualidade nos ambientes digitais. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de



Janeiro, RJ, v. 8, n. 2, p. 151–173, 2022. Disponível em:  
<https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5816>. Acesso em: 8 abr. 2024.

SERRA, J. P. **A informação como utopia**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 1998.

SIEBERT, S.; PEREIRA, I. V. A pós-verdade como acontecimento discursivo. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v. 20, n. 2, p. 239-249, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/vykt83t8h8874gJT7ys46sy/>. Acesso em: 13 jan. 2024.

SILVA, J. L.C. PÓS-VERDADE E INFORMAÇÃO: múltiplas concepções e configurações. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19, 2018, Londrina. **Anais [...]** Londrina: UEL, 2018. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/124855>. Acesso em: 11 jan. 2024.

TRAINOTTI FILHO, A. M. **Fontes de informação**. Indaial: Uniasselvi, 2018.  
TENÓRIO, C. M. D. **O conceito de neurose em Gestalt-terapia**. Universitas Ciência e Saúde. Brasília, v.01, n.02, p. 239 – 251. 2003.

THELLEFSEN, M.; THELLEFSEN, T.; SØRENSEN, B. *Emotion, Information, and Cognition, and Some Possible Consequences for Library and Information Science*. **Journal ASIS&T**, n. 64, v. 8, jun. 2013. p. 1735-1750.

Vídeo com suspeitas sobre eleições de 2014 usou lei matemática que não prova fraude, **Estadão**, São Paulo, 29 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/video-com-suspeitas-sobre-eleicoes-de-2014-usou-lei-matematica-que-nao-prova-fraude/>. Acesso em: 17 maio 2024.

WEISSBERG, J.L. Real e virtual. In: PARENTE, A. (Org.). **Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual**. São Paulo: 34, 1993.

Vanessa Giácomo trabalhou em quiosque? Atriz rebate 'fanfic' no Twitter. **Entretenimento**, São Paulo 16 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2022/07/16/vanessa-giacomo-atendente-de-quiisque-atriz-rebate-fanfic-no-twitter.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 13 jan. 2024.

ZIMERMAN, D. **Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

1994 Grammy Nominees, **Locomanero**, 27 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://locomanero.blogspot.com>. Acesso em: 13 jan. 2024.